

# RISCO

## Contudo, insistimos

CARLITO AZEVEDO

“A burguesia afogou os fervores sagrados do êxtase religioso, do entusiasmo cavalheiresco, do sentimentalismo pequeno-burguês nas águas geladas do cálculo egoísta”, diz o “Manifesto Comunista” de Marx e Engels. Agora o que se vê é isso: na poesia do italiano Giorgio Caproni, Érebo, filho do Caos, personificação da escuridão, trabalha numa cafeteria; e Proserpina, a mais bela deusa, filha do próprio Júpiter, ali lava xícaras de café pela

manhã, enxugando-as num avental sujo. O poeta Pierre Reverdy anota que, para o amor, está armado com um tanque fundido com o metal de seus próprios erros. Maiakóvski brada que para o júbilo o planeta está imaturo e que é preciso arrancar alegria ao futuro. No “Finismundo” de Haroldo de Campos, Odisseu vira um urbano Ulisses perdido entre sirenes e não sereias. Com um postal do Éden nos consolamos. E, contudo, insistimos. Carlos Drummond derrapa num amor na curva perigosa dos cinquenta, quando os frutos ou não são colhi-

dos ou sabem a verme, e a Deus e ao Diabo agradece, porque tem um amor. E mesmo aqui, nesta edição de “Risco”, é ele, amor, que conta. Catarina Lins, apesar de muito jovem e ainda inédita em livro, já vem angariando o respeito e a admiração de muitos de seus colegas de geração. Sua poesia hesita entre utopia e desencanto, entre o tudo-vai-dar-certo e o olhar de desdém para a máquina do mundo entreaberta e oferecida. Frank O’Hara, aqui traduzido por Beatriz Bastos, é um dos principais nomes da poesia norte-americana do século XX. ●

FOTOS DE EDUARDO ORTEGA/DIVULGAÇÃO



## Conceição

eu apago a luz do jardim  
e fecho as persianas  
a lagoa lá longe  
com suas colunas de luz

a moldura das árvores  
que sucessivas gerações

de pássaros  
plantaram  
com seus cocôs

a figueira enraizada  
o sublunar esquecido  
na varanda

eu apago a luz da garagem —  
alguma coisa aconteceu aqui

nos pedalinhos alugados  
nos pés cortados  
nos mariscos

eu que aprendi sozinha  
a deitar em pedras  
que sempre acomodam bem  
as costas cansadas

eu que nunca tinha pensado em voltar

até sentir de novo  
as curvas  
lentas  
das pedras quentes  
e cheias  
de líquenes

guardada por rochas maiores  
em suas coroas de bromélias  
e barbas de velho

nossas peles secando ao sol

— fechamos a casa e apagamos as luzes

fomos felizes ali  
é claro  
que podemos voltar

mas não se dirige portão adentro  
no colo dos pais  
para sempre &

seu pimpa  
tinha razão  
quando dizia

“tudo isso, menina,  
é pinto  
se comparado ao pedaço de terra entre o oceano atlântico  
e a lagoa da conceição  
onde tu vais ser criada...”

Poema de Catarina Lins

A tradução é necessária

## Manhã

Preciso te dizer  
como te amo sempre  
penso em você em cinzas  
manhãs com morte

na minha boca o chá nunca  
é quente o bastante  
nessas horas e o cigarro  
seco e o robe grená

me dá arrepios eu te quero  
e olho através do vidro  
para a neve sem ruído

De noite no cais  
os ônibus brilham como  
nuvens e estou sozinho  
pensando em flautas

sempre na praia você  
me faz falta a areia  
molhada com lágrimas  
que parecem minhas

se bem que eu nunca choro  
e te levo no coração com  
um senso de humor  
que você ia adorar

o estacionamento está  
cheio e estou em pé  
com as minhas chaves o carro  
vazio como uma bicicleta

o que você está fazendo  
agora onde você foi  
almoçar será que tinha  
muita anchova é

difícil pensar em  
você sem me incluir  
na frase você me  
deprime quando está só

Ontem as estrelas  
eram inúmeras hoje  
elas enviaram a neve  
não serei cordial

não há nada que  
me distraia a música  
é só um passatempo  
você sabe como é

quando você é o único  
passageiro se houver um  
lugar mais longe de mim  
eu te imploro não vá

Poema de Frank O’Hara  
Tradução: Beatriz Bastos



**Efrain Almeida.** “Platano Bordallo” (2013, no alto) e a instalação “10 Hummingbirds” (2014, detalhes acima), integram a mostra “Uma pausa em pleno voo”, que o escultor apresenta no Paço Imperial até dia 13 de setembro